

HUE, SHEILA MOURA (ORG.). *ANTOLOGIA DE POESIA PORTUGUESA. SÉCULO XVI: CAMÕES ENTRE SEUS CONTEMPORÂNEOS*. RIO DE JANEIRO: 7LETRAS, 2004. 176 P.

Prof. Paulo Roberto Sodré
Doutor em Literatura Portuguesa, Universidade de São Paulo
Universidade Federal do Espírito Santo

Não é raro encontrar, nas histórias da literatura portuguesa ou em livros de alcance semelhante, as impressões, por certo subliminares, de que Luís de Camões é o “sol que apaga ou ensombra os outros talentos do século XVI”. Sá de Miranda, António Ferreira, Bernardim Ribeiro, para falar daqueles que, de alguma maneira, conseguem um lugar à luz naqueles livros, acabam por ter seus versos secundados quando cotejados com as soluções rítmicas e temáticas de Camões.

Mas se esse poeta – sendo alvo de tamanha fama e inspirador de uma imensa fortuna crítica –, quando lido em cotejo com seus pares portugueses, por um lado, cresce na estima do leitor – pela beleza verbal que vem atravessando séculos de leitura e de crítica –, decresce, por outro, no juízo de leitores ingênuos – ainda arraigados na velha pretensão romântica da originalidade absoluta –, quando estes justapõem seus versos aos de Petrarca, Virgílio ou Garcilaso, seus mestres mais famosos.

O pouco contato com a literatura clássica europeia do século XVI favorece aquele juízo apressado. Lêem-se às vezes os portugueses quinhentistas sem o aparato crítico e histórico-literário necessário para que se aquilate corretamente uma produção cultural tão enraizada nos preceitos poéticos consagrados na *Epístola aos Pisões*, de Horácio (65-8 a. C.), provavelmente conhecida em Portugal graças a uma tradução de Aquiles Estácio (1524-1581).

Discípulo de Horácio, António Ferreira tornou-se famoso como poeta-doutrinador que, em suas epístolas, em especial na “Epístola a Diogo Bernardes”, reflete sobre as leis que deveriam reger a produção poética de 500: conhecimento, trabalho e crítica, tudo sob uma atitude “humilde e diligente” de quem escreve.

Preceitos e leis determinavam a formação e a produção dos poetas, exigindo-se deles o equilíbrio entre o “engenho e a arte”, ou seja, o talento, a inspiração, e o trabalho. Na epístola de Ferreira, o conselho para que os modelos (Petrarca, na lírica amorosa; Virgílio, na épica, Sannazaro, na poesia pastoril, por exemplo) fossem sobejamente conhecidos, imitados e superados é posto em ênfase. O resultado disso é uma plêiade de escritores tentando ultrapassar, no difícil processo da *imitatio*, a influência de antigos e contemporâneos, de modo a ganhar fama junto aos pares e patrocínio juntos aos mecenas.

É esse complexo ambiente de imitação, engenho e competição que se percebe na *Antologia de poesia portuguesa. Século XVI: Camões entre seus contemporâneos*, organizada por Sheila Moura Hue, especialista na recepção quinhentista d’*Os lusíadas*. Como a autora afirma,

Numa época em que os meios de comunicação resumiam-se a papéis manuscritos e a ainda poucos livros impressos, a poesia lida oralmente e transmitida em papéis soltos e em cancioneiros era um veículo de comunicação amplamente usado com as mais variadas finalidades. A poesia, na sociedade, se prestava ao elogio de damas de alta e baixa classe, a críticas pessoais, a comentários sobre os costumes e os problemas sociais e políticos, à adulação do padre responsável pela censura aos livros, a elogios mútuos entre poetas, a pedidos de mecenato, a pedidos prosaicos (como o envio de cães de caça), a pedidos de ajuda financeira ou de soltura da prisão, e à permuta de poemas por facas, tecidos e galinhas (p. 11).

Tanta função para a poesia só poderia propiciar essa série de versos de circunstâncias, o que parece ilustrar a máxima de António Ferreira, na “Epístola a Diogo Bernardes”: “Dos que sem saber escrevem o Mundo é cheio”. Na sentença não é difícil perceber o enfado de Ferreira diante das “novidades [que] este tempo traz” e do bulício da corte tanto no plano econômico como cultural e literário, permitindo que talentosos e medíocres disputassem o prestígio e a pensão de um mecenas. Frente a esse estado de efervescência, e para aproveitar do joio o trigo poético, dois autores da época pretenderam antologiar os que apresentavam “verso brando, estilo puro”. Pero de Magalhães de Gândavo, procurou provar o valor da Língua Portuguesa ao reunir poetas em seu *Diálogo em defesa da língua portuguesa*, de 1574. Diogo Bernardes, intentou,

sem conseguir, reunir as “flores” do talento lusitano, ambos os projetos com o mesmo alcance: o cânone da poesia portuguesa.

Na contramão das antologias que tendem à proposição ou ao endosso da canonização de obras de certos autores e de autores de certos períodos literários, ou de obras de certos gêneros e de certos temas, a autora pretende apresentar “uma boa amostra da poesia da época”. Sem se deter exclusivamente, no entanto, nos canônicos apontados por Gândavo e Bernardes, e nos consagrados pelas histórias da literatura portuguesa. Interessa à autora evidenciar “a poesia como modo de expressão de uma época e de uma sociedade”, nela detectando “seus fins comunicacionais cotidianos como o seu caráter de veículo de reflexão sobre os principais temas e questões da época” (p. 10). Flagra-se aí a preocupação da autora com o fluxo histórico e seus efeitos estéticos nos poemas quinhentistas.

O alvo da antologia, portanto, é tanto a “flor” do que se produziu poeticamente na corte portuguesa de 500 como sua estreita relação com a história. Em função desse propósito, o tempo abarcado se estende do séc. XVI ao princípio do XVII (1638 é o ano-limite, data da morte do lisboeta Estêvão Rodrigues de Castro).

Tal propósito enseja a divisão da antologia em dez seções (ou cantos?): 1. “Amor”; 2. “Imitação”; 3. “Na corte”; 4. “Os tristes”; 5. “Dedicatórias e louvores”; 6. “Inimigo de mim”; 7. “Devotos”; 8. “Críticos”; 9. “Satíricos”, e 10. “Uma correspondência poética”. Seguem ainda biografias, glossário, bibliografia, índice dos primeiros versos e dos autores. Como se percebe, uma edição muito bem cuidada e atenta a seus fins de “panorama da poesia portuguesa da época”. Aliás, não pense o leitor num possível *camonicentrismo* (permita-se o neologismo) da edição, deduzido a partir do subtítulo: “Camões entre seus contemporâneos”. A despeito disto, não é à volta do poeta de Dinamene que gira o livro, mas à volta da mundividência do século XVI português.

Como a própria antologia, as dez seções têm seu quinhão esperado de arbitrariedade (como adverte Sheila Hue). Talvez três partes fossem suficientes para abranger o escopo da organização: Tópicos (que incluiriam o amor, a tristeza, “inimigo de mim”), Poética (imitação, gêneros) e Circunstâncias (na corte, dedicatória, louvores). Mas o que propõe a autora implica na visibilidade das tendências temáticas, técnicas, sociais, culturais ou

genológicas, que revelam um modo de pensar, de sentir, de se comunicar e de agir dos quinhentistas portugueses.

Com as dez seções o leitor percebe um ambiente cortesão vazado em modas, queixas e entretenimentos. Suas variadas expressões dificilmente se encontram em publicações à mão. Na *Antologia*, percebem-se mais facilmente as tiranias temáticas da poesia quinhentista: na “Seção I”, a da petrarqueana Laura, a das “Mãos de branco marfim que as almas lia”, a cujo modelo Baltazar Estação se contrapõe: “Conceito (elogios) que de usado já atormenta,/ Que trás canção, soneto, oitava e trova,/ Ofendendo co uso toda a orelha” (p. 26); na “Seção II”, a da *imitatio*, flagrada em nove poemas sobre o mesmo primeiro verso: “Horas breves de meu contentamento”, ou, na “Seção VI”, a do mote “inimigo de mim”, glosado em redondilhas e decassílabos, como o emblemático “Comigo me desavim”, de Sá de Miranda.

Os poemas circunstanciais chamam a atenção pelos flagrantes comezinhos e desesperantes das solicitações, como nos versos de Heitor da Silveira ao Conde de Redondo: “Vossa Senhoria creia/ Que não apura o engenho/ Fome, se é como a que tenho,/ Mas afraca e corta a veia” (p. 87). Como as antologias normalmente refinam a produção literária por meio de uma seleção que deixe de lado a poesia de circunstância, por exemplo, a queixa de um poeta faminto, sem condições físicas de criar engenhosamente, esbarra no escândalo para um leitor desavisado. Como se sabe, tais infortúnios ficaram conhecidos mais pelas anedotas da “biografia” de Camões – visto muitas vezes como uma exceção entre os poetas áulicos, um poeta maldito –, empalidecendo assim as outras vítimas comuns do mecenatismo de penúria.

A sátira completa bem o panorama poético organizado por Sheila Hue. Em sonetos, em terça-rima, em oitava, a sátira aquilata o senso de humor (ou mau humor) dos que de verso viviam ou que com ele se desenfadavam. Os pouco conhecidos Caprichosos de Évora (Bartolomeu Varella, Manuel do Valle de Moura, Luís Mendes de Vasconcelos e Manuel Luis Freire) têm registradas no livro suas “Festas bacanais: conversão do primeiro canto d’*Os lusíadas* do grande Luís de Camões, vertidos do humano em o devinho”. Ao lado desses jogos literários, os tercetos de André Falcão de Resende, em que se notam ressonâncias da fala do camoniano Velho de “aspeito venerando” a admoestar os homens “d’aquesta fera sede interesseira” de riqueza (p.148). Heitor da Silveira,

respondendo àquela advertência, também em tercetos epistolares, critica a vida no Oriente, queixando-se de Vasco da Gama (“Cruel Gama, cruel, que tantos danos/ Ao Lusitano dás! Que se desfaça/ Em pó tanto varão por bens mundanos” [p. 153]).

Como explica Sheila Hue, a fonte dos poemas – nem sempre integralmente transcritos, por razões editoriais –, são os próprios impressos e manuscritos quinhentistas e seiscentistas. Em alguns casos, optou-se por textos de edições modernas. A competente fixação do texto, aliás, como apontou, na orelha do livro, Cleonice Berardinelli, é de Maurício Matos. Privilegiando a divulgação dos poemas e sua leitura mais fluida, Sheila Hue prescindiu da edição crítica, apresentando os textos modernizados, sem aparato crítico, não obstante o “alto índice de variantes textuais, e (de) seus muitos problemas de atribuição autoral” (p. 15). As vantagens, todavia, são evidentes, quando se pensa, por exemplo, na orientação que tal livro oferece aos graduandos de Letras e de áreas afins, carentes de publicações desse tipo. Para os especialistas os benefícios não são menores, haja vista a seleção que propicia tangencialmente uma perspectiva comparatista (ainda que se trate de textos de uma mesma geração e de uma mesma literatura) capaz de, prontamente, oferecer um bom painel do ambiente literário e cultural, para além do político e do econômico, da corte portuguesa quinhentista. Com isso, uma outra dimensão importante da antologia emerge: “ao entender o poema como um sistema composto por suas versões e variantes, que surgem ao longo do tempo de sua escrita e de sua transmissão e circulação, apaga-se do horizonte a intenção de buscar – ou reconstruir – uma ‘versão original’ ou uma ‘versão autorizada pelo autor’” (p. 15).

Percebe-se que a *Antologia de poesia portuguesa. Século XVI* pondera não apenas a importância de se observar a poesia inserida numa época de certa sociedade e cultura, assim como no ambiente propiciador de suas marcas poéticas (temário, procedimentos, gêneros) e sociais (circunstâncias); pondera ainda sobre a própria natureza da poesia nessa época (e em qualquer outra): um conjunto de vozes textuais cuja origem se desvanece completamente.

Sheila Moura Hue logra, contudo, mais que isso. Sua antologia pode ser lida como crônica poética a partir da qual o leitor interessado na produção portuguesa do século XVI pode acompanhar alguns de seus aspectos e trajetos fundamentais: quem, sobre o que, como, quando, por que, com quem e para quem se produziram poemas. Ao fim do

livro, lidas as seções e os apêndices, tem-se a imagem de uma corte erudita e mesquinha, contraditória e viçosa, triste e lúcida, exuberante todavia.

Nestes nossos anos quando a tradição literária parece perder mais e mais o espaço da leitura e da admiração, e quando tudo que esteja abaixo do século XIX parece um longínquo ruído de linguagem de motivações pouco compreensíveis, as publicações cuidadosas que se dedicam à (in)formação de leitores contemporâneos sobre a produção literária do século XVI adquirem uma importância entusiasmadora.